

ENTRE MONÓLOGOS ASSÍNCRONOS E DIÁLOGOS SÍNCRONOS: ALGUMAS CENAS DE ESTÁGIO DOCENTE REMOTO NO ENSINO DE HISTÓRIA EM 2020

AMONG ASYNCHRONOUS MONOLOGUES AND SYNCHRONOUS DIALOGUES: SOME SCENES OF REMOTE TEACHING INTERNSHIP IN HISTORY TEACHING IN 2020

Caroline Pacievitch

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Campinas/Brasil).
Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: caroline.pacievitch@ufrgs.br

Carmem Zeli de Vargas Gil

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: carmemz.gil@gmail.com

Fernando Seffner

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: fernandoseffner@gmail.com

Recebido em: 20 de abril de 2021

Aprovado em: 8 de julho de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 3 | p. 293-310 | set./dez. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2555>

RESUMO

A partir da observação de cenas escolares via on-line e dos diálogos com estagiários e estagiárias da área de ensino de História e educação patrimonial da Faculdade de Educação da UFRGS, atuando em modalidade remota, relatamos desafios postos pela pandemia da Covid-19 em 2020 e apresentamos alternativas implantadas para permitir a continuidade do vínculo educacional. Situamos a cultura escolar em tempos de pandemia no centro de numerosas tensões e as examinamos a partir da conexão universidade e escola, que acontece quando dos estágios docentes obrigatórios para a formação de alunos e alunas na licenciatura. Tomamos a pandemia de Covid-19 na categoria da experiência e, portanto, não exatamente como algo que nos acontece, mas como o que fazemos com o que nos acontece e que aprendizados daí retiramos. Frente a um agravamento de saúde de tal impacto no campo educacional são necessárias ações. A reflexão cuidadosa em torno do cotidiano das alternativas on-line fornece pistas para essas ações.

Palavras-chave: Ensino de História. Cultura escolar. Pandemia Covid-19.

ABSTRACT

From the observation of school scenes via online, and the dialogues with interns and trainees in the area of History and heritage education, working in remote mode, we report challenges posed by the pandemic of Covid-19 in 2020. We present alternatives implemented to allow the continuity of the educational bond. We place school culture in times of pandemic at the center of numerous tensions, and we examine these tensions from the university and school connection. This connection occurs when the teaching internships are mandatory for the training of male and female students in the undergraduate program. We take the Covid-19 pandemic into the category of experience and, therefore, not exactly as something that happens to us, but as what we do with what happens to us, and what we learn from it. In the face of a health problem with such an impact on the educational field, actions are needed. Careful reflection around the daily life of online alternatives provides clues to these actions.

Keywords: History teaching. School culture. Pandemic Covid-19.

"[...] o inevitável geralmente não acontece. Na verdade, é o imprevisível que sempre prevalece."

(BERARDI, 2020, p. 128)

1 QUE TEMPO É ESSE?

Franco Berardi, filósofo libertário, publicou em 2020 excertos do diário que redigiu ao longo da pandemia, em especial sobre os meses de *lockdown*, que ele atravessou morando na Itália. Não é difícil se identificar com suas reflexões. Nós também pensamos, falamos e escrevemos de forma contraditória e decepcionada neste ano, mas apostando na esperança e na aprendizagem. Tampouco nos contentamos em denunciar as catástrofes que o capitalismo acumula a nossos pés: nem a volta ao normal, nem o novo normal soam como caminhos interessantes. É um tempo marcado pela indignação e pela esperança.

Em meados de 2020, testemunhamos uma crise de pânico global cuja causa só em parte estava ligada à pandemia; estava mais profundamente relacionada ao estresse psíquico de uma sociedade forçada a trabalhar em condições precárias, competitivas e miseráveis, além do estresse físico de um organismo enfraquecido pela poluição do ar e das linguagens. (BERARDI, 2020, p. 124).

Queremos mais e menos ao mesmo tempo: mais liberdade de criação, freando os processos de precarização da vida e da profissão docente, que se intensificaram, no Rio Grande do Sul, desde pelo menos 2015. Talvez esses quereres sejam revolucionários. Mas de que se trata a revolução, para quem escreve pensando em ensino de História, e que passou os últimos meses inventando maneiras para o estágio de docência em História? Para Walter Benjamin (2017), a revolução significa, primeiro, parar as catástrofes do capitalismo e, depois, permitir que os ventos do paraíso acariciem as asas da história. O vento não é ordenado, nem previsível, assim como o paraíso não é um partido, nem uma teoria, nem uma ordem ou doutrina. A revolução não é o fim da história, mas uma abertura ao novo, ao milagre, ao inesperado. Talvez, até, ao mágico. Trata-se de pensar o que era, outrora, indizível:

e se, em vez disso, trabalharmos apenas o necessário para produzir o que é útil? E se dermos renda a todos, independentemente do tempo de trabalho (inútil)? E se pararmos de pagar pelos aviões inúteis que já compramos? E se a gente se lixasse para os acordos internacionais que nos forcem a pagar quantias enormes pela guerra? Então, esses discursos não são mais de um extremista, mas o único realismo possível. [...] Antes da tempestade há sempre um silêncio estranho. (BERARDI, 2020, p. 69).

Hannah Arendt (2004) prefere pensar na ação política de criação do novo a partir da ideia do milagre: como explicar que algo tenha acontecido, apesar de todas as probabilidades em contrário? Como é possível que a mestra-griot Elaine Espíndola, da Associação Mocambo de Porto Alegre, ou Ailton Krenak sejam vozes ativas quando tudo atua para seu silenciamento? Como pensar na aula de história como espaço de liberdade quando os obstáculos parecem se multiplicar semana após semana? Há sempre um formulário, outro relatório, uma nova determinação, um projeto que deve ser executado sem ser pensado, um corte, um atraso, uma suspensão. Quando Arendt reflete sobre a metáfora do nascimento como milagre parece que ela propõe soluções individualistas. Mas não somos nem queremos ser mártires, super-heróis ou missionários. Não há saídas, mas há pistas, e elas são coletivas, de ação política livre. Aliás, o lugar de criação do novo, em Arendt, é o do encontro coletivo em que pessoas diferentes debatem e iniciam, livremente, mudanças no mundo, sempre incluindo conflito e discordância, mas também solidariedade e sensibilidade.

Tudo vai ficar instável, como um bando de bêbados em um barco no meio da tempestade em alto-mar. É preciso nos preparar para um longo período de instabilidade e resistência e é preciso fazê-lo imediatamente. Resistência significa criação de espaços de autodefesa, de sobrevivência, de produção do indispensável, de afeto e de solidariedade. (BERARDI, 2020, p. 127).

Para criar espaços de resistência, afeto e solidariedade, Berardi (2020) propõe algumas perguntas, ligadas à utilidade dos produtos do trabalho humano. Ele joga as reflexões para o futuro, convidando-nos a tomar cuidado com a legitimidade daqueles e daquelas que expressarão essas decisões. No nosso caso, porém, as decisões já estão sendo tomadas. A burocracia universitária diz que a papelada precisa ser preenchida, que os procedimentos administrativos devem ser respeitados, que as declarações têm prazo de validade. Carimbos, papéis timbrados, assinaturas. Tutoriais devem ser lidos e a linguagem protocolar, dominada, antes ainda dos conceitos e das palavras estudantis (não à toa, Benjamin admirava Kafka). Como, então, aceitar o convite de Berardi e assumir a responsabilidade de decidir o que é útil e o que deve ser descartado? Como podemos perceber os ventos do paraíso movimentando as asas da história? Qual é a revolução que queremos, já que o normal nunca foi uma opção? Estamos ocupando os espaços políticos (e, conseqüentemente, livres) em que o encontro coletivo permite o nascimento do novo? Neste artigo tentaremos escrever nosso próprio diário, como professores de estágio de docência em História durante o ensino remoto emergencial, no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Narramos os impasses, as dúvidas, as soluções propostas e, principalmente, nos esforçamos em tirar o tema do ensino remoto de uma pauta técnica e moralista.

2 O INESPERADO, AS DÚVIDAS E AS PRIMEIRAS AÇÕES

No dia 10 de março de 2020 cada um de nós três teve o primeiro encontro das aulas presenciais com suas turmas de estágio docente¹. No primeiro semestre de cada ano, ofertamos duas modalidades de estágio, com várias turmas, nos turnos da manhã e da noite. Uma disciplina de estágio docente escolar em História no Ensino Médio e uma disciplina de estágio de docência em História na modalidade educação patrimonial, em instituições de arquivo, museus, memoriais que recebem regularmente turmas de alunos e alunas para visita. Já estávamos vivendo uma situação de pandemia presente na cidade. A possibilidade de interrupção das aulas, para que o surto pandêmico passasse, já estava colocada. Despedimo-nos das turmas com variações das frases “daqui umas duas ou três semanas retornamos; já fica marcado o debate em torno de tal texto; deixo aqui as cartas de apresentação nas escolas; já podem fazer contato com as instituições de educação patrimonial; organizem-se em duplas para melhor buscar locais de estágio; logo retomamos tudo, ficaremos em contato pela sala de aula virtual ou pelo e-mail”.

No dia 15 de março de 2020, domingo, no final da tarde, portaria da Reitoria da UFRGS suspendeu as aulas a partir da segunda-feira, dia 16 de março, até o final do mesmo mês. Sucessivas edições de portarias semelhantes prorrogaram a interrupção das aulas até 18 de agosto de 2020, quando o semestre foi retomado, na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE), com término em 2 de dezembro de 2020. Pode-se dizer que tivemos um semestre que durou um ano. Examinando agora, de modo retrospectivo, no período que vai de 16 de março a 18 de agosto (cerca de 5 meses), é possível identificar alguns movimentos feitos por nossa equipe. O primeiro movimento foi uma espera ansiosa, de duas semanas, sem saber o que fazer além de esperar. A sensação de que a interrupção seria mais longa do que o previsto, com o crescimento exponencial do número de casos de infecção pela Covid-19, logo se instalou. As escolas públicas, bem como as instituições de memória que são locais de estágio, cerraram as portas e a previsão de retorno ficou distante. Fomos colhidos pelas notícias que davam conta das universidades e escolas privadas, que interromperam as aulas por dois ou três dias e retomaram o calendário em regime de Educação a Distância (EaD). De certo modo, ao pular de forma tão rápida das aulas presenciais para o regime remoto, utilizando a sigla EaD, universidades e escolas privadas fizeram crer que as diferenças entre aulas presenciais e regimes remotos são pequenas, tanto que podemos migrar automaticamente de uma modalidade a outra, como se fossem intercambiáveis. Dos movimentos descritos a seguir, ficaram os registros, que nos permitem o relato.

¹ O primeiro semestre letivo de 2020 iniciou em 5 de março de 2020 na UFRGS, com previsão inicial de término em 15 de julho de 2020.

O segundo movimento, feito por nós na primeira quinzena de abril de 2020, foi aquele de manter o vínculo com as turmas, evitando que o período de interrupção contribuísse para a evasão. Algumas turmas criaram um grupo de WhatsApp. A plataforma Moodle, já utilizada de modo rotineiro por nós, teve sua função redimensionada. A cada semana eram postadas atividades não obrigatórias (pois estávamos com as aulas interrompidas), para que o vínculo de estudo e de envolvimento com os temas das disciplinas e com o próprio estágio se mantivesse. Examinando o conteúdo que dispusemos nessa plataforma ao longo dos cinco meses, bem como outros conteúdos enviados pela sala de aula virtual, por lista de e-mail e pelo WhatsApp, é possível verificar nossas preocupações e o que estava sendo ofertado por muitas instituições. As duas primeiras mensagens enviadas indicavam a página virtual onde a universidade passou a disponibilizar as informações sobre a Covid-19 e decisões em relação ao calendário. A partir dali, foram postados 41 tópicos no Moodle, ao longo dos cinco meses, numa média de dois por semana, indicando: opções de cursos, *lives*, artigos, eventos, adesão a repositórios e plataformas, notícias sobre a pandemia, sugestões de temas para quando do retorno às aulas, decisões judiciais e decretos em relação ao prosseguimento das aulas tanto nas escolas públicas quanto nas universidades.

Um exame atento de todo o material postado permite agrupá-lo em tópicos². Um deles são os temas gerais em educação, e aí se incluem sugestões de um conjunto de vídeos sobre a vida e a obra de Paulo Freire; eventos remotos e *lives* com temas como: o Enem expõe desigualdades na educação brasileira; Educação em tempos de Covid-19: perspectivas docentes, novas relações de ensino aprendizagem e desigualdades; a educação e o chamado novo normal; o Ensino Médio e a preparação para o trabalho; situação da evasão escolar na América Latina; ensino híbrido; educação popular e cursos pré-vestibular populares; fascismo e educação; a questão do Fundeb; a BNCC comentada; professores e professoras ainda são necessários hoje?; produção audiovisual na escola hoje; projeto que propõe lidar com a pandemia através da escrita; Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19; o que é o Fundeb, e as polêmicas que o cercam.

Outro grupo de mensagens é formado por tópicos de conhecimento em História, que podem ser vistos como insumos para pensar aulas de ensino de História, muitos deles vinculados à situação da pandemia. Aqui se incluem indicações como: história de epidemias e pandemias; a epidemia de meningite no Brasil na década de 1970; Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial; Harvard-Brazil Dialogues Online: História e Pandemias no Brasil; Falência do tempo - Pandemia provoca a ilusão de um futuro desfeito;

² Os materiais citados estão disponíveis na pasta "Anexos do Artigo", disponível de modo aberto para consulta e download em: <https://is.gd/mWoCgK>.

Em tempos de pandemia: reflexões históricas sobre saúde e enfermidade nos dois lados do Atlântico; gênero história e educação; usos do passado e negacionismos; Violência e a história da desigualdade - da Idade da Pedra ao século XXI; história e história pública; arte e monumentos na cena pública das cidades brasileiras; racismo e história. O tema mais frequente foram as indicações para pensar o ensino de História: ensino do holocausto em aula de História; ensino de História e tecnologias; o amor em uma aula de História; Olimpíada Nacional em História do Brasil; raça, gênero e sexualidade na aula de História; uso de brinquedos e jogos nas aulas de História; livros didáticos e ensino de História; o ensino de História e a BNCC; avaliação das aprendizagens escolares em ensino de História; educação patrimonial e ensino de História; o uso de imagens no ensino de História; letramento histórico: o que é e o que pode ser; ensino de História e educação antirracista; O rap como ferramenta no ensino de História afro-brasileira.

Um terceiro movimento, que ocupou o período de maio a junho de 2020, que podemos resgatar na troca de mensagens com as turmas de estudantes e nos debates dentro e fora da UFRGS, foi tratar de definir o que iríamos fazer. Fruto desse processo, tomou forma o que ficou conhecido na UFRGS com o nome de Ensino Remoto Emergencial (ERE) e o novo calendário acadêmico foi então estabelecido. Nesse segundo movimento, a área de ensino de História produziu um documento orientador com princípios para o retorno as aulas, dos quais destacamos alguns dos elementos, tanto dos princípios quanto das diretrizes práticas:

Princípios que pensamos são importantes para pensar a realização das atividades acadêmicas, quando elas retornarem, do modo como retornarem.

1. Não deixar ninguém para trás. Em outras palavras, pensar em medidas e alternativas em que ninguém seja prejudicado por não ter acesso à internet, por não poder retornar presencialmente por questões familiares ou pessoais. Isso envolve lidar com a oferta de mais de uma estratégia para a mesma situação acadêmica.

2. Estabelecer um clima de solidariedade e compromisso entre docentes e discentes. Quem puder retornar e tiver acesso a plataformas, se encarrega de cuidar de outra pessoa que não tenha as mesmas condições de acesso, em um regime de compartilhamento do cuidado. Este é um momento para saber da vulnerabilidade de cada segmento da comunidade acadêmica, e estabelecer medidas solidárias. O compromisso de quem retorna com quem não retorna deve ser explícito. Esse é um momento adequado para discutir as desigualdades na comunidade universitária, e fazer esforços para que ninguém seja percebido como uma vida precária ou dispensável. Tal espírito deve também contagiar a realização dos estágios, quando eles forem possíveis.

3. Todas as disciplinas que ofertamos são obrigatórias. Deliberar então que quem optar por não realizar a disciplina no tempo certo não terá prejuízos nas matrículas futuras.

Diretrizes práticas para a oferta das disciplinas

Temos situações muito diferenciadas em termos de condição de acesso e possibilidades de

seguir cursando as disciplinas de estágio docente. Dessa forma, dificilmente uma solução contemplará todos e todas. Então necessitamos de um banco de sugestões, para lançar mão a depender da demanda.

A diretriz geral dessas proposições vai no sentido da flexibilização dos modos de realizar os estágios. Sabemos bem que a palavra flexibilização ganhou um conteúdo político ligado ao pensamento neoliberal, mas nos parece que essa é a palavra que melhor define o que estamos buscando, flexibilizar regimes de estágio, para atender a pandemia e a diversidade de situações que ela coloca. Não haverá diretriz única que possa dar conta de solucionar todas as situações de vulnerabilidade social que necessitamos levar em conta para proporcionar ao conjunto de alunos a continuidade dos estudos, então teremos que flexibilizar os modos de realizar os estágios.

Uma iniciativa importante desse terceiro movimento foram os esforços em saber das possibilidades (ou não) dos alunos e alunas cursarem as disciplinas em modalidade remota. Conduzimos de modo direto algumas pesquisas sobre o acesso às plataformas de ensino on-line e também nos envolvemos na condução de pesquisas feitas pela UFRGS, pela Faculdade de Educação e pelo Departamento de História. Duas perguntas estiveram em jogo nesse movimento: retornar as atividades implicava exclusão? Permanecer sem aulas implicava exclusão? Questões de difícil resposta. Conduzimos pesquisas mais voltadas às nossas turmas de estágio, com questões que possibilitaram bons diálogos com alunos e alunas, em mais de um momento:

- 1) Em primeiro lugar, vocês estão bem de saúde? Estão bem no lugar onde moram e com quem moram?*
- 2) Vocês têm acesso à internet somente pelo celular ou também pelo computador? Dispõem de computador próprio para uso ou ele é compartilhado?*
- 3) Como vocês estão se sentindo, no que diz respeito à sua formação como docentes, diante desse cenário difícil que estamos passando?*
- 4) Você, como futura professora, professor ou professore de História, consegue visualizar possibilidades para a sequência de sua formação, ainda este ano?*
- 5) Você tem ideias sobre como podemos ter relações sadias, generosas, de troca e fortalecimento com as escolas, lidando com a experiência da pandemia, no momento de volta às aulas (ainda que não se saiba exatamente quando isso irá ocorrer)?*

Nesse terceiro movimento, nos envolvemos também em duas pesquisas: uma feita pela própria universidade, intitulada "Pesquisa sobre as condições para possíveis atividades de ensino não-presenciais

durante o período de excepcionalidade pela pandemia de Covid-19”³, e o “Levantamento entre discentes e docentes dos cursos de História/UFRGS sobre aulas remotas emergenciais 2020/1”⁴. Os resultados mostraram situações muito díspares. Tínhamos alunos e alunas com pouca possibilidade de acesso à internet, mas com decidido desejo de seguir nos estudos, por conta de concluir o curso no período planejado e ir na busca de empregos. Também tínhamos alunos com boas condições de acesso à conexão de internet, mas com pouco desejo de se inserir em aulas remotas, por conta de não quererem prejudicar sua formação. O cenário mostrado pelas pesquisas, tanto no curso de História quanto em outras licenciaturas, revelou uma diversidade que tornou bastante complexa a formulação de uma resposta para prosseguimento das aulas. Mas a decisão da universidade foi pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), tomada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), em 27 de julho de 2020⁵. As sucessivas pesquisas e levantamentos feitos no âmbito da UFRGS acerca da situação de seus alunos, bem como pesquisas feitas em outras universidades, mostraram uma situação de profunda desigualdade em termos de condições de acesso aos estudos em modo remoto. Também evidenciaram a importância de serviços como restaurante universitário, moradia estudantil, bibliotecas e salas de estudo. Em parte dos casos, alunos e alunas dispunham de equipamentos como computador pessoal ou *tablet*, mas costumavam acessar regularmente a Internet quando de sua estada presencial nas dependências da universidade. O convívio no campus universitário apareceu como elemento muito valorizado e sua perda envolveu episódios de depressão entre nossos alunos e alunas, revelando que a vida acadêmica traz elementos de sociabilidade e socialização tão importantes quanto a formação específica.

Ingressamos então em um quarto movimento, no período de julho e agosto de 2020, que foi o redesenho dos planos de ensino das disciplinas de estágio docente, adaptadas ao Ensino Remoto Emergencial (ERE). Estágios docentes em regime remoto constituíam uma novidade na vida de todos nós. Os planos das disciplinas foram refeitos, com inserção de modalidades remotas em toda a disciplina, previsão de realização e acompanhamento de estágios e avaliação de atividades por via remota. A tramitação da documentação dos estágios foi adaptada para o regime on-line, com a utilização do Sistema Eletrônico de Informações por parte da UFRGS e com outras modalidades de tramitação on-line por parte das escolas públicas. Tais trâmites foram objeto de grandes discussões até que se definisse um fluxo que,

³ Informações disponíveis em <https://www.ufrgs.br/prograd/pesquisa-sobre-as-condicoes-para-possiveis-atividades-de-ensino-nao-presenciais-durante-o-periodo-de-excepcionalidade-pela-pandemia-de-covid-19/>

⁴ Material disponível no repositório GOOGLE DRIVE já indicado.

⁵ Resolução 025 do CEPE. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/wp-content/uploads/2020/08/Resolu%C3%A7%C3%A3o-ERE-CEPE.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

mesmo depois de definido, experimentou mudanças ao longo do semestre. Aprovados os planos de ensino, elaboramos o cronograma das atividades de cada disciplina e cada turma. Aqui, nos valem da consulta a docentes que eram ex-alunos e ex-alunas e que já estavam experimentando, tanto na rede pública quanto na privada, modalidades de ensino remoto, com o uso das plataformas mais diversas. Eles e elas forneceram preciosas indicações dos desafios e das possibilidades de sua superação.

E, em um quinto movimento, a partir de 18 de agosto de 2020, entramos em cena, inaugurando em nossas vidas profissionais, na trajetória dos alunos e das alunas e na história da UFRGS estágios docentes em regime exclusivo on-line, na modalidade que a universidade criou de Ensino Remoto Emergencial (ERE). A seleção de docentes para receber nossos alunos em classes do Ensino Médio foi feita a partir de ampla busca, divulgando nas mídias sociais um formulário⁶, privilegiando escolas públicas onde estivessem ocorrendo atividades síncronas. O formulário teve excelente retorno, pois tivemos 121 docentes que se disponibilizaram, dos quais 56 responderam a um segundo formulário com informações mais detalhadas. Dentre esses, nossos estagiários escolheram o local de práticas. Com todo o processo a ser realizado em modalidade remota, foi possível a alguns alunos realizarem estágio em escolas públicas pelo interior e litoral do Rio Grande do Sul e mesmo em outros estados do país. Vale lembrar que os estágios presenciais se concentram historicamente no município de Porto Alegre. Somente nos últimos anos alguns alunos vinham optando por municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre, não indo além dessas fronteiras. A modalidade on-line permitiu uma ampliação considerável dessa fronteira. Entretanto, mesmo com esses cuidados na seleção prévia de locais, ao longo do semestre enfrentamos problemas para a realização de aulas síncronas e envio de atividades, dado um cenário de instabilidade muito grande nas redes de ensino e na disposição dos alunos. Seguimos, agora, relatando nosso diário no ERE, dialogando com as apreensões e criações dos e das estudantes e com nossas próprias dificuldades.

2.1 AGOSTO: ESTÁGIO, TERMOS E FLUXOS

As ruas estão vazias, o céu está lindo, o ar mais puro do que nunca, os pássaros cantam e a atmosfera agradece a ausência de poluição. A normalidade capitalista estava ameaçada e a cultura do consumo dá lugar à cultura do útil. Máscaras são mais importantes do que aviões de combate. Álcool é mais necessário do que um carro e a maior potência do mundo não consegue produzir máscaras para todos os seus habitantes. Os estágios iniciam nesse contexto de garantir a todas as pessoas acesso às coisas úteis, mas, na universidade, o debate sobre ações humanitárias, de acolhimento e solidariedade esbarra nos fluxos e termos. Os papéis continuam com poder!

⁶ O formulário está disponível na documentação indicada na nota 3.

Olá professora,

Abri um processo para a disciplina de Estágio Patrimonial ainda seguindo as regras do fluxo antigo. Após isso, a divisão de estágios solicitou a mim vários documentos que não estavam no fluxo. Como você e eu conversamos há pouco, o fluxo mudou e o trâmite burocrático para o município ocorre a partir do recebimento de contrato de estágio elaborado pela Smed, postagem do mesmo no sei e posterior envio do Termo de Declaração Discente com as assinaturas do estagiário e da Comgrad, por email, à divisão.

As dúvidas que ficamos de verificar com a divisão de estágios são as seguintes: já possuindo um peticionamento em aberto, consigo/devo abrir outro processo ou devo esperar este vencer? Ou, ainda, consigo apenas anexar neste mesmo processo a documentação restante? Após o vencimento deste (que, segundo um dos últimos emails enviados pela Divisão de Estágios, vencerá no dia 13/9 caso eu não efetuasse um cadastro solicitado) eu conseguirei peticionar novamente? Ele vence automaticamente?

Aguardo resposta e desde já agradeço. (Leonardo)

Não foi possível concluir as negociações sobre o fluxo e quantidade de documentação para oficializar os estágios antes do início das aulas remotas. Assim, os tutoriais foram atualizados diversas vezes, pois as exigências mudavam conforme as negociações entre a universidade e as mantenedoras. Promoveram-se reuniões e cursos emergenciais para ensinar os professores a utilizar recursos digitais, mas ninguém sabia exatamente a quem recorrer caso acontecesse algum problema com os processos abertos pelos estagiários e estagiárias no SEI. Aqueles e aquelas que tinham tempo para trocar informações e se antecipar à burocracia conseguiram rapidamente atravessar a selva documental. Mas os e as estudantes que também são trabalhadores, ou que não conhecem bem a linguagem dos processos e das petições, precisavam de caminhos mais diretos, para que seu escasso tempo pudesse ser dedicado aos estudos e produções do estágio. Algumas pessoas desistiram neste momento: enfrentar um Castelo kafkiano não é uma opção num momento tão cercado de tensões e fragilidades de todo tipo. As lutas por desburocratizar o estágio de docência vêm de antes da pandemia. 2020 foi só mais uma batalha perdida.

2.2 SETEMBRO: CRIAÇÃO E AUTORIA NO ESTÁGIO DOCENTE

Era setembro e as flores começavam a dar sinais, nascendo até no menor espaço de uma rachadura, o que nos fazia lembrar de Catherine Walsh (2013) que trata de uma pedagogia da resistência atuando desde as *grietas*. A partir dos movimentos sociais, ela nos ensina que a rachadura é algo quase impenetrável, mas nela nascem flores. Muitos diziam que era impossível fazer o estágio curricular na forma remota. Mas algo precisava ser tentado diante da impossibilidade da universidade e da escola continuarem abertas fisicamente: atuar nas fissuras e rachaduras para construir algo que não sabíamos como efetivar com estudantes da Educação Básica.

Uma das inquietações era como acompanhar os estagiários e estagiárias de forma remota e, ao mesmo tempo, estar em vigilância para não determinar um caminho único naquela situação. Tudo era inédito. Alguns não conseguiram seguir na disciplina de estágio, outras trocaram de instituição e houve quem se juntou e pensou coletivamente propostas para experimentar o planejamento e a docência no contexto de extrema desigualdade. Outros ainda, atuaram individualmente e...

sem grandes recursos e instigado pelas leituras da disciplina, me foi motivado a aplicar de modo qualitativo as ideias de educação patrimonial que foram desenvolvidas ao longo da disciplina. Entendendo como central o papel da mediação, busquei uma plataforma que possibilitava interagir com o visitante, que desse possibilidades. Nesse sentido, nem sempre essa busca é uma tarefa fácil, mesmo com diversas opções de plataformas na internet, encontrar uma que ajude de modo pedagógico é difícil e, na maioria das vezes, acabamos improvisando plataformas que são destinadas para outros usos para aplicar ações educacionais. (Felipe)

Se não tivéssemos tentado não teríamos a oportunidade de acompanhar a criação do Felipe no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, nem de Daniel e Paula no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Reuniões para planejamento nas sextas-feiras à noite, aulas que estudantes assistem ainda voltando do trabalho, de máscara e na rua. Vivências pelo *Meet* com professores de História e museólogas de outras partes do Brasil, carregadas de experiências e emoções. É tudo incerto e difícil e não há nada de resiliência ou superação: há esforço, paixão pela docência, vontade de saber, teimosia. Há descobertas de possibilidades: como fazemos para incentivar alunos e alunas a lerem um documento histórico usando um formulário digital? Será que consigo criar uma sala de museu usando um *Power Point*? Estudantes de nono ano conseguem criar um episódio de podcast e, ainda, refletir sobre verdade e versões na produção de histórias e memórias?

2.3 OUTUBRO: O/A ESTÁGIÁRIO/A E A ESCOLA PÚBLICA NEGADA ÀS CAMADAS POPULARES

Olá professora,

Tudo bem?

Alguns (poucos) alunos responderam ao formulário. Amanhã também tentaremos realizar uma conversa sobre o patrimônio e a pandemia, conforme havíamos conversado com você. Será às 14h. Você gostaria de estar presente? Aí mando o link.

Como combinamos, demos várias opções para alguma atividade de retorno com os alunos, mas a situação de distanciamento, infelizmente, fez com que tivéssemos pouca participação. (Leonardo)

“Os alunos não respondem”; criamos “várias opções de atividades”; “tentaremos realizar uma conversa”; “fez com que tivéssemos pouca participação”. Nestes quatro meses o estágio ocorreu em

meio a uma profunda mudança nos modos de agir, produzir e viver. O vírus escancarou a situação das escolas, a falta de equipamentos, as desigualdades sociais e o quanto o acesso à internet estava longe de se universalizar. Não se tratava somente de conter a ação de um vírus, mas de retomar o debate da escola possível para as classes populares que Miguel Arroyo havia debatido nos anos 1990: “Da escola carente à escola possível”. Continuaríamos a aceitar o corte de gastos públicos na Educação Básica? E agora, o que fazer quando milhões de crianças e jovens não têm acesso à escola virtual? Sem internet, sem computador, sem luz, sem água, sem álcool gel se transformam em testemunhos da escola negada às classes populares. Relembramos a pergunta de Miguel Arroyo (1997, p.11) na década de 1990: a escola possível é possível?

2.4 NOVEMBRO: ESTÁGIO, AFETOS E ALGUMAS REALIZAÇÕES

Catherine Walsh (2013) trata do método de caminhar junto e nós falamos do método de caminhar junto abrindo picadas, o que implica aprender a desaprender para reaprender a pensar/planejar com futuros professores e professoras e não os ensinar a fazer a docência diante do desconhecido. Ao acompanhar o esforço dos estagiários e estagiárias em aproximar os conteúdos com a pandemia, pensamos muito sobre a força da tradição escolar. Que história ensinar quando o presente nos convoca? Observamos que no estágio remoto houve mais empenho/tempo/investimento na escrita do planejamento e na montagem das atividades; mais facilidades para romper com a aula baseada no texto escrito com 3, 5, 10 questões; mais criatividade na proposição das atividades; mais dificuldades para a interação com estudantes da Educação Básica; pouco retorno das atividades planejadas (e isso é muito importante para o professor e a professora em formação); dificuldade dos estagiários em elaborar um material focado na Educação Básica. Por exemplo: um *podcast* ou uma postagem no Instagram direcionada aos estudantes, mesmo estando à disposição do público em geral. No último dia de aula síncrona as duplas comentavam as atividades de outra dupla.

Antes de mais nada, gostaria de me desculpar por não ter conseguido comparecer a aula de ontem, onde eu comentaria sobre o trabalho de vocês. Isso aconteceu porque agora minha vida se divide entre a academia e a maternidade e tenho que tentar conciliar o restante das tarefas no meio de tudo isso. Gostaria de parabenizá-los pelo trabalho, acredito que toda e qualquer prática de estágio docente merece o reconhecimento antes de qualquer análise de material produzido, pois não tem sido fácil atravessarmos esse período de tanto descaso e a falta de humanidade com que nós futuros professores e sobretudo professores da rede básica de ensino somos atravessados. Isso é resistência! (Luana)

Além de tudo isso, as estagiárias e estagiários também teorizaram sobre as produções do semestre. Será que tentamos fazer coisas demais em pouco tempo? Independentemente de terem escrito um artigo completo ou ensaiado uma problematização, não poderíamos abrir mão de sistematizar os pensamentos de cada um sobre seus processos no estágio.

3 A SALA DE AULA DENTRO DE CASA

Dos muitos elementos que marcaram a experiência de estágio docente escolar na modalidade remota, o que mais chamou a atenção foi a situação de uma aula dada para alguém que estava em sua casa, de modo continuado e igualmente dada por professores e estagiários que também estavam em suas casas. A vida doméstica, dos alunos e alunas, e dos professores e professoras, se cruzou com a vida profissional. Os momentos de supervisão de estágio, realizados agora com o convite para ingressar em uma sala de aula virtual e ali assistir as interações por cerca de uma hora e meia, permitiram muitas reflexões. A maior parte dos estágios foi realizada por duplas de estagiários e tivemos uma ênfase na produção de materiais adaptados para a modalidade remota. Dois temas foram selecionados para elaboração de aulas em todos os estágios: um deles foi a produção de pelo menos duas aulas em torno de um evento polêmico e com certo caráter mundial acontecido durante os meses de junho e julho de 2020, que consistiu na derrubada ou depredação de estátuas de heróis, em geral colonizadores brancos, em muitos países. Tal evento teve enorme repercussão na mídia. Em conjunto com o monitor da disciplina, elaboramos uma listagem abrangente de notícias e textos de debate sobre o tema⁷, que foi fornecida à turma para, a partir desse insumo e de outros materiais, produzirem sequências didáticas. O segundo tema selecionado como obrigatório para elaboração de uma sequência didática foi a própria pandemia, escolhendo algum recorte que o estagiário desejasse, como a conexão desigualdade e pandemia, precarização do trabalho e pandemia, violência de gênero e pandemia, negacionismo científico e pandemia ou outro recorte. Novamente, em conjunto com o monitor da disciplina, elaboramos uma linha do tempo com notícias da pandemia, e ela foi fornecida aos estagiários e estagiárias como insumo para pensar a produção das sequências didáticas.

Na maioria dos casos, o estágio docente consistiu no envio regular de tarefas didáticas (via WhatsApp ou outras plataformas) e em algumas aulas síncronas, sempre com duração em torno de uma hora a uma hora e meia, com grupos pequenos de alunos e alunas. A comunicação por WhatsApp, para envio de materiais e devolução das respostas às atividades, foi o sistema que mais permitiu a participação

⁷ A listagem encontra-se disponível no repositório indicado na nota 3.

dos alunos e alunas. O uso de plataformas, como Google Classroom, evidentemente permitiu inserção de atividades mais elaboradas, mas teve como contrapartida maior dificuldade de acesso. É bastante difícil obter números precisos nesse universo, mas para a amostra que tivemos se pode afirmar que, em grupos de WhatsApp, o vínculo ocorreu com cerca de 60% dos alunos e alunas. Já as plataformas de aulas síncronas (que tardou muitos meses na rede estadual gaúcha) baixou o percentual de adesão para 40%, embora tenha permitido a inserção de volumes maiores de materiais e com qualidade superior de interações. Essa questão revela as dificuldades de inclusão digital no país, bem como a persistência dos regimes de desigualdade, marca importante do contexto brasileiro em qualquer área que se escolha: desigualdade econômica, desigualdade de gênero, desigualdade em termos de geração, desigualdade de acesso a políticas públicas e benefícios, etc. A extensão das aulas e também das atividades foi ponto de debate, uma vez que a condição de resposta era variável por parte dos alunos. O uso de roteiros de *slides* foi muito utilizado, com indicação de vídeos bastante curtos sobre os temas, de modo a possibilitar que fossem assistidos no aparelho celular. O retorno das atividades pelos alunos e alunas contemplou desde inserção de respostas em plataformas até o envio de fotos dos cadernos de aula, tiradas pelo celular, permitindo ao estagiário ler o que havia sido feito. De todos esses materiais guardamos cópias para registro.

O período eleitoral cruzou com as aulas de História e mobilizou alguns debates. Da mesma forma, as atividades envolvendo a derrubada das estátuas e sequências didáticas em torno da pandemia motivaram discussões. Ficou nítido, pela observação direta e pelo relato dos estagiários e das estagiárias, que os alunos se sentiam um tanto desconfortáveis em debater tais temas, uma vez que estavam em sua própria casa, muitas vezes com familiares por perto. A importância do espaço público da escola, que permite aos jovens se experimentarem nos debates entre iguais, defendendo ideias que não são exatamente aquelas das famílias, no caminho de construção de sua autonomia intelectual, ficou evidente (SEFFNER, 2020). O fato de que cada aluno – bem como estagiários e professores regentes – estavam em suas casas, mobilizou certa curiosidade de saber onde exatamente estavam (quarto, sala, gabinete, apartamento, bairro, cidade). Nos momentos de supervisão de estágio, fomos colhidos por cenas inusitadas. Em uma aula, uma aluna fez questão de abrir a câmera, para mostrar para toda a turma um gatinho muito pequeno, que ela havia adotado durante a pandemia, para lhe fazer companhia, pois sentia falta dos colegas. A exibição do gato gerou várias conversas acerca da falta de convívio escolar da turma de alunos. Alunos tímidos se manifestaram em duas aulas, declarando que o sistema remoto lhes permitia falar com mais liberdade do que na sala de aula presencial. Alunos e alunas que residem longe das escolas de Ensino Médio manifestaram, em uma aula assistida em dia de forte chuva, que de fato o sistema remoto

tinha vantagens, pois num dia como aquele eles não gostariam de sair de casa para ir à escola. Muitos dos alunos e alunas não abriam a câmera ou o microfone, sob as mais variadas alegações (não tomei banho, meu quarto está zoadado, meu cabelo cresceu e ficou feio e eu não cortei ainda por medo de ir no salão, tem uma obra aqui ao lado da minha casa, minha mãe está brigando com as minhas irmãs, etc.).

Ficou visível, em muitas situações, pelas manifestações dos alunos e alunas, a falta que sentiam do ambiente escolar e o desconforto de passarem o dia todo em suas casas. Isso permitiu estabelecer certa comunhão de sentimentos com os estagiários e estagiárias, sofrendo também de um constrangimento parecido, por não poderem acessar o campus universitário e suas redes de relações. As meninas se queixaram de que, ficando em casa, rapidamente haviam se convertido em cuidadoras dos irmãos menores e da casa. Os meninos disseram que a necessidade de auxiliar os pais em questões de trabalho lhes roubava tempo. Certa impressão de que a escola é o lugar mais adequado para se viver a condição juvenil e que a casa se transforma em um local onde os jovens são exigidos para que se transformem em adultos de modo aligeirado, ficou bastante evidente para os estagiários nas suas relações com as classes de alunos e alunas.

Frente a tais questões, muitas vezes as aulas de ensino de História, versando sobre temas do programa tradicional, adquiriram um ar um tanto estranho ou fora de lugar. Parece que uma aula sobre Inconfidência Mineira, dada de modo presencial na escola, em uma sala de aula, encontra mais sentido do que uma aula sobre o mesmo tema, dada em modo remoto para um aluno ou aluna que está em sua própria casa, cercado de urgências familiares por conta da pandemia. Por outro lado, as tentativas de transformar as aulas de ensino de História remotas em oportunidades de debate sobre a derrubada de estátuas, as questões de racismo ali envolvidas e nos movimentos que igualmente ocorreram durante a pandemia em vários países do mundo, bem como o debate em torno da pandemia ou das eleições municipais, não podiam ser realizados de modo adequado, uma vez que os alunos estavam cercados de familiares e se sentiam constrangidos a expressar suas opiniões. Criar nas aulas remotas um ambiente em que alunos e alunas conversassem sobre como se sentiam estando por um tempo tão longo em suas casas também não foi muito possível de ser feito, em parte acreditamos que pela necessidade de um contato mais próximo, presencial, para relatar as delicadas questões envolvidas no confinamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O terreno sobre o qual pousamos nosso olhar e estabelecemos reflexões é muito movediço, com desdobramentos imprevistos e prolongamentos no tempo que torna difícil arriscar conclusões. Para melhor aprender, há que se coletar materiais produzidos, anotar registros, escutar quem está lecionando,

ouvir estudantes, ler o que se vem publicando acerca do ensino on-line, debater. O momento é de ações na luta contra a pandemia, mas também de reflexão, para pensar caminhos adequados de enfrentamento das questões postas pelo distanciamento social. É o que nossa equipe de docentes da área de ensino de História está fazendo. Tomamos o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE) como oportunidade de aprendizagem e avaliação do que se fazia em termos presenciais, mas ainda não temos um desenho nítido de futuro. Algumas tendências indicam um ensino híbrido, comportando de modo mais intenso momentos presenciais e momentos em regime remoto. Há que ler, estudar e debater sobre isso. O ensino remoto aprofundou desigualdades, especialmente para o alunado das escolas públicas, pela falta de condições de acesso de qualidade a redes de Internet. Com isso, pensamos que a luta pela inclusão digital deve ser colocada no patamar dos direitos humanos e em estreita conexão com o direito à educação, princípio constitucional desde 1988. Não é mais possível pensar em celular, computador pessoal e boa conexão como luxos, ou algo que cada aluno e aluna deve prover apenas por si. Esses requisitos compõem o direito à educação e devem ser considerados cesta básica para qualquer aluno e aluna, tal como a merenda, o transporte escolar, o livro didático. São aprendizados educacionais e políticos desse período de pandemia.

No âmbito estrito da área de ensino de História, temos já a nítida certeza de que nossos estágios devem conter unidades de trabalho que preparem os estagiários para o uso mais decidido de ferramentas virtuais, não apenas para os momentos de urgência, mas para o uso corrente. Como vai se dar o convívio entre modalidades presenciais e modalidades remotas não temos sabemos bem. Se, por um lado, verificamos que não é mais possível pensar os processos educacionais sem o uso de ferramentas virtuais, por outro lado, a situação de quarentena provocada pela pandemia mostrou a enorme importância na vida dos jovens da cultura escolar e do convívio no território escolar, comprovando que a escola é etapa necessária de vida que implica certo afastamento da esfera doméstica e uma progressiva inserção no espaço público. Uma concepção pedagógica preocupada e atenta à cultura escolar e ao cotidiano escolar, combinada com o uso das tecnologias de ensino on-line, pode criar um entorno de convívio que permita ao alunado sentir-se no espaço público quando nas interações com colegas, professores e professoras e outros integrantes da comunidade escolar. Mas reconhecemos que neste momento ainda é precária essa possibilidade, muito distante das interações face a face.

Aprendemos muito! Escutar, abrir a sala de aula (virtual) ao imprevisível, caminhar junto refazendo sempre. O estágio é um momento do curso em que o futuro professor e a futura professora vivenciam o contato com a sala de aula como o espaço privilegiado do fazer docente. Entendemos que refletir sobre as práticas docentes é também um momento forte que produz experiências formadoras. Aprendemos.

Mas muitos estagiários e estagiárias ficaram para trás e antigos desafios tornaram-se obstáculos ainda maiores para quem é estudante trabalhador ou que já vivia em situação precarizada, sem falar nos temas de saúde mental e nos tensionamentos ideológicos. Estamos trabalhando pelas aulas de história possíveis, nas escolas e universidade possíveis. Que esse esforço não nos canse a ponto de não termos energia para querer e sonhar com mais do que o possível, para além das limitações do distanciamento social.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2017. Edição Kindle.

BERARDI, Franco. **Extremo**: crônicas da psicodelfação. São Paulo: Ubu, 2020.

SEFFNER, Fernando. Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: o delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir. **Retratos da Escola**, v. 14, p. 75-90, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1095>. Acesso em: 22 mar. 2021.

WALSH, Catherine. Introducción. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya Yala, 2013, p. 23-68.